

A INFÂNCIA DE MOZART E MEMÓRIAS DE VELHOS: CONTRIBUIÇÕES DE NORBERT ELIAS

MOZART' S CHILDHOOD AND THE ELDERLY MEMORIES: NORBERT ELIAS'S CONTRIBUTIONS

Magda Sarat*

RESUMO:

O presente trabalho faz parte de uma reflexão que busca na leitura da obra de Norbert Elias contribuições para a história da educação e, neste caso específico, para a história da criança. A proposta é refletir sobre a obra *Mozart: a sociologia de um gênio*, procurando indícios para compreender as relações entre adultos e crianças que marcam a infância do compositor, vivida numa sociedade de corte marcada por rígida hierarquia de classe. Tal contexto aparece como um espaço mediado por diferentes e conturbados olhares, os quais envolvem um menino considerado prodígio, que desde a mais tenra idade circulava pelos salões exibindo seu talento e se apresentando em público como artista infantil, apresentado por seu pai. Buscarei, na experiência de Mozart, discutida por Elias, estabelecer relações entre a obra em questão e as memórias de indivíduos que viveram a infância na primeira metade do século XX – entrevistados por mim, seguindo a abordagem da história oral como base metodológica. Tais sujeitos passaram pela infância, criaram filhos e atualmente se encontram na chamada terceira idade. A ênfase será dada, assim, ao modo como tais pessoas perceberam a própria infância. Levando em conta que agora são pais, investigarei também as suas concepções sobre a infância de filhos e netos, considerando-as à luz da leitura de Elias e da infância de Mozart.

PALAVRAS-CHAVE:

História da Infância, História da Educação, Memórias.

ABSTRACT:

This work is part of a reflection that searches for - in the reading of the Norbert Elias's work - contributions for the education history and, as the case of this paper, for the child history. The objective is to reflect on the book *Mozart: the sociology of a genius*, looking for clues to understand the relations between adults and children that marked the infancy of the composer, which was lived in a court society marked by a rigid class hierarchy. Such context seems to be a space mediated by different and disturbed looks, which involved a boy considered prodigious that, since he was very young, had to circulate around the halls showing his talent and presenting himself in public as an infantile artist, showed by his father. I am searching for, in the experience of Mozart, argued by Elias, establishing relations between the book and the individual's memories that had lived the infancy in the first half of XX century - interviewed by me, following the approaching of the oral history as methodological standard. Those people had their infancy, they grew up kids and now they are elderly. The emphasis is given to the way this people had perceived their infancy, knowing that they are parents now. I also investigate their conceptions on their children and grandsons' infancy, taking as base the reading of Elias and the infancy of Mozart.

KEY-WORD:

Child's history, History of Education, Memories

* Professora da Graduação e PPG Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. Email: magdasarat@ufgd.edu.br

O presente trabalho é um recorte que se volta especialmente para a leitura e a contribuição de Norbert Elias sobre a história de Mozart e sua infância, vivida numa sociedade de corte, marcada por uma rígida hierarquia de classe. Tal contexto se revela um espaço perpassado por diferentes e conturbados olhares, para um menino considerado “prodígio” e que desde a mais tenra idade já circulava pelos salões, mostrando seu talento e se apresentando como um artista infantil, agenciado por seu pai.

Buscarei, a partir experiência de Mozart conforme discutida por Elias, estabelecer relações entre as percepções de indivíduos que viveram a infância na primeira metade do século XX, criaram filhos e atualmente se encontram na chamada terceira idade. Investigarei também o modo como esses indivíduos perceberam a própria infância¹ e depois, como pais, quais as concepções que apresentam sobre a infância de filhos e netos, procurando considerá-las à luz da leitura de Elias e da infância de Mozart.

Neste contexto inicial, destaco que a história da criança começa a ser contada recentemente, tornando-se foco de interesse de diversos pesquisadores² que realizam investigações sobre os seus diferentes aspectos. Tal tendência historiográfica é uma decorrência da preocupação social reivindicada por pesquisadores e também por aqueles que trabalham com crianças em diversos tipos de instituições.

A infância, como uma fase da vida humana, tem sido discutida sob vários enfoques. Muito mais do que ser apenas um período definido biologicamente como parte do início da vida, a infância é uma construção cultural, social e histórica, definida em cada período histórico a partir de diferentes representações.

Podemos retroceder a Platão, que via na infância um período de ausência da racionalidade e considerava a criança “de todos os animais o mais intratável, na medida em que seu pensamento, ao mesmo tempo cheio de potencialidades e sem nenhuma orientação reta ainda, o tornava o mais ardiloso, o mais hábil e o mais atrevido de todos os bichos” (PLATÃO apud GAGNEBIN, 1997, p. 85), passando

¹ Tais reflexões fazem parte dos trabalhos de qualificação no Mestrado (OLIVEIRA, 1999) e Doutorado (SARAT, 2004) discutidos a partir da história oral e que estão nas referências bibliográficas deste trabalho.

² Sobre tal assunto trabalhos de KUHLMANN JR (2001); KISHIMOTO (1988), KRAMER (1984.); PRIORE (1999); ARIÈS (1981); BADINTER (1985); MARCILIO (1998); FREITAS (1997); MONARCA (1997); CORAZZA (2000); MONCORVO FILHO (1926); POSTMAN (1999), entre outros.

por Santo Agostinho, que via a infância como um “mal necessário”, até chegarmos aos períodos em que ela passa a fazer parte das preocupações da sociedade adulta, ou seja, um longo caminho.

Percebemos que essa etapa da vida gera muito interesse, principalmente em razão das dificuldades dos adultos em se relacionar com os indivíduos nessa fase. Atualmente a criança se tornou objeto, em várias disciplinas (Psicologia, Pedagogia, Sociologia, Filosofia, Antropologia e etc.), de tentativas de explicar seus interesses e concepções de vida. De qualquer forma, ainda navegamos em águas obscuras, pois os adultos de forma geral não conseguem estabelecer relações com esse indivíduo, visto como uma responsabilidade ou um problema a ser resolvido.

Jorge Larossa (2000), no texto *O enigma da infância*, discute a incapacidade adulta de compreender e de se relacionar com esses *seres estranhos que não entendem a nossa língua*, ou seja, a sociedade moderna criou o conceito de infância, estabeleceu espaços específicos para as crianças, segregou-as em tais espaços e, no entanto, tem muitas dificuldades em respeitar esse indivíduo como pessoa, valorizar suas experiências e inseri-lo nas suas relações como alguém que não só consome, mas também produz cultura.

O autor aponta que “todos trabalham para reduzir o que ainda existe de desconhecido nas crianças e para submeter aquilo que nelas ainda existe de selvagem” (LAROSSA, 2000, p. 185). Nesse sentido, a educação, seja ela formal ou informal, é uma estratégia muito bem-sucedida para estabelecer relacionamentos com as crianças, seja de emancipação ou submissão.

Retornando à História, esta sinaliza que a percepção das crianças como pessoas diferentes dos adultos e o surgimento da infância como categoria social datam do século XVII, remetendo-nos à pesquisa de Phillipe Ariès (1981), considerada um marco da história da criança. As investigações desse historiador concentram-se na tese de que o surgimento da infância seria fruto da Modernidade. Ainda que Ariès tenha se tornado, no que diz respeito ao tema, um dos autores mais lidos e tenha lançado bases para esta discussão, atualmente outras pesquisas discordam de sua premissa, localizando a infância e a preocupação com a criança como um conceito que se forma em períodos anteriores, num processo de longa duração.

Tais pesquisas apontam que desde a Antiguidade havia uma preocupação com as crianças, a qual extrapola o ato de cuidado, e que elas passam a figurar no cenário das famílias, sendo as mesmas extensas ou não, e na vida cotidiana dos adultos em diversos períodos. Pesquisadores como Gélis (1991), Heywood (2004),

Riché & Bidon (1994) e D’Haucourt (1994) investigam a história do homem medieval e apontam que a idéia de infância esteve presente em períodos anteriores, sendo registrada em indícios de escavações arqueológicas, quando foram encontrados materiais, resquícios de brinquedos, objetos e miniaturas de bonecas, a indicar a presença da criança e um espaço próprio dela no seu meio social. Além disso, registram-se fontes documentais, como retratos e pinturas, que revelam a presença da infância e a importância dada a ela pelas pessoas antes do século XVII.

Contudo, para além das divergências conceituais – e podemos dizer que Elias se situa nesse terreno – de contestação da tese de Ariès, podemos apontar a sua contribuição ao pensar na história de Mozart. Mesmo não sendo um trabalho que versa especificamente sobre a infância, Elias consegue, de modo muito consistente, situar a infância de Mozart como crucial no desenvolvimento de sua personalidade e da sua formação para a vida adulta. Dessa forma, pode-se perceber a necessidade de valorização desse momento como parte da formação do indivíduo.

Mozart nasceu num contexto de cultura em que a figura da criança já é percebida e recebida com interesse pela organização social da qual ele fazia parte, especialmente considerando suas relações na corte e seu talento, que logo cedo transparece e passa a ser apresentado pela família aos demais. Wolfgang Mozart teve uma infância rodeada do que atualmente chamamos de estímulos, os quais permitiram que seu talento pudesse florescer e ser reconhecido, não somente nos meios familiares, mas nas cortes por onde passou ainda na infância. Sobre isso, Elias (1995, p. 82) aponta que

Desde seu primeiro dia de vida foi continuamente exposto a diversos estímulos musicais, às diferentes seqüências de violino e piano; ele ouvia o pai, a irmã e outros músicos ensaiando e corrigindo erros. Não é de surpreender que logo tenha desenvolvido uma sensibilidade aguda uma consciência musical altamente perceptiva.

Tais informações indicam que o talento que era nato na criança foi estimulado e despertado pelas experiências que o menino teve cotidianamente com a música. Logo cedo o pai de Mozart, músico na corte de Salzburgo – e nesse contexto o músico era um serviçal como qualquer outro –, percebeu o interesse do filho e promoveu sua iniciação nos estudos musicais. Conforme aponta Elias (p. 67):

Mozart teve uma infância muito especial. Ainda hoje em dia ele é visto como um prodígio *par excellence*. Aos quatro anos ele é capaz, em muito pouco tempo, de aprender a tocar peças musicais bastante complexas, sob instrução do pai. Aos cinco começou a compor. Antes de completar seis anos o pai

levou-o, e a irmã, em sua primeira *tourné* de concertos a Munique, onde ambas as crianças tocaram para o eleitor da Baviera, Maximilian III. Mais tarde em 1762, os três Mozart foram para Viena, onde tocaram para a corte imperial e outros públicos. Wolfgang Mozart, embora delicado e doentio, era admirado e louvado em todos os lugares por seu extraordinário talento musical. O enorme sucesso que Leopold Mozart obteve exibindo os filhos, especialmente o filho, em Viena, levou-o a organizar um '*tourné mundial*' pelos palácios e cortes da Europa.

Elias utilizou biografias escritas sobre Mozart, cartas enviadas pela família em diferentes períodos e ainda cartas trocadas entre pai e filho, para traçar um perfil do relacionamento estabelecido em família e principalmente para tratar da ascendência do pai sobre o filho. Tais aspectos mostram, no contexto que pretendo abordar, qual seja, a educação de Mozart e o relacionamento com os adultos, que o menino teve toda a sua educação feita pela família, especialmente pelo pai, responsável maior pela formação musical, pois, segundo Elias, não se tem registro de que Mozart tenha freqüentado escolas.

Na documentação pesquisada por Elias, é possível traçar um perfil do indivíduo que viveu desde a infância sob os cuidados e a proteção da família, especialmente representada pelo pai, uma figura severa e perfeccionista, que exigiu do menino dedicação e afinco nas atividades que ele, o pai, tinha como importantes para a sua educação.

No entanto Leopold Mozart, o pai, lidava sobretudo com um indivíduo de personalidade frágil, volúvel, que se influenciava facilmente e se apaixonava na mesma medida em que mudava de opinião. A propósito de um dos documentos escritos por um amigo da família, Elias vai dizer que ele, diante de algo novo, tendia a se entregar totalmente, bem como, quando estava aprendendo, tinha tal afã em buscar o conhecimento em questão que ficava totalmente absorto:

Quando ainda pequeno o seu interesse não estava concentrado na música no mesmo grau que aconteceu depois. O velho amigo da família, o tocador de clarim Schachtner, conta que o mais impressionante no menino era sua total absorção naquilo que o ocupasse no momento: 'Qualquer coisa que lhe dessem para aprender, ele se concentrava tão completamente que colocava tudo o mais, até mesmo a música, de lado. Por exemplo, quando aprendeu aritmética, a mesa, as cadeiras, as paredes e mesmo o chão ficaram cobertos de números feito à giz. E um pouco antes 'Era todo entusiasmo, deixava-se cativar por qualquer assunto'. (ELIAS, 1995, p. 82)

Tais características acabavam por influenciar a relação que pai e filho mantinham e criavam focos de tensão e perturbações nas expectativas do adulto acerca da criança. Nesse aspecto o pai se dedicou com afinco à educação musical do filho, quando percebeu

que o menino tinha talento especial para a música. Esta característica do menino, se discutida à luz de determinados campos do conhecimento, tais como a Psicologia do Desenvolvimento, por exemplo, indicará que, além de ser uma criança “talentosa”, o garoto viveu uma conjuntura favorável, que ajudou a florescer sua aptidão. Era uma criança extremamente receptiva, que vivia rodeada de estímulos, numa casa onde o pai era professor de música e dava aulas cotidianamente. Tal ambiente permitiu o envolvimento do menino com a criação musical. Sobre a educação de Mozart para a música, Elias (1995, p. 80) escreve:

A raríssima acuidade e memória auditivas do jovem Wolfgang, e a segurança de sua percepção musical pareceram a Leopold um verdadeiro milagre. O ensino sistemático que deu ao filho, a partir dos três anos de idade... Era um programa rigoroso, com exercícios regulares, segundo um manual que o próprio pai compilou. O manuscrito foi preservado. Contém 135 peças, em geral sob a forma de minueto, metodicamente organizadas em termos de dificuldades. Algumas das primeiras tentativas de composição da criança também foram preservadas; levaram o pai a ‘lágrimas de admiração e alegria’.

O pai, que era um “perfeccionista pedagógico”, exigia o máximo de seus alunos e muito mais do filho, que desde muito pequeno exibiu um extraordinário talento para o aprendizado. Tal documentação aponta também que o pai, Leopold Mozart, a partir do momento em que percebeu o talento das crianças, especialmente do “menino prodígio”, resolveu “explorá-lo” em benefício da própria família. (Esse termo – explorar – pode parecer excessivo, mas não encontro outra definição para a atitude paterna.)

Ainda que possamos considerar que estamos mais de dois séculos aquém de uma prática que se tornou recorrente na atualidade, qual seja, a exploração de talentos mirins na mídia, expostos pelas famílias, com o aval da sociedade que financia tais eventos, é possível dizer que Mozart constitui uma espécie de precursor desses “artistas mirins” e que seu pai se apresenta como um dos “empresários e promotores” de “shows infantis”. Tal aspecto nos faz refletir sobre a infância, mas não se constitui no foco da discussão para o momento.

Elias nos inspira a pensar em como a criança que foi Mozart respondia aos anseios da família, apresentando-se como responsável pela sobrevivência dos demais e talvez até criando uma perspectiva de sucesso e de construção de uma carreira para si e para o pai. Tal perspectiva – de tornar-se artista, autônomo e reconhecido – era considerada impossível no contexto em que a família se situava, levando em conta uma sociedade de corte fechada, hierárquica e sem mobilidade social; pois, por mais que os Mozart fossem admirados, jamais sairiam da sua condição de

outsiders. Provavelmente esse tenha sido o drama que moveu a vida e a formação do jovem talentoso que, segundo Elias, “desiste da vida” aos 37 anos, vítima de uma “depressão”, doença tão conhecida nos dias atuais, que foi se instalando ao longo da sua vida e de suas experiências na carreira de artista.

Sob sua condição na hierarquia de corte, Elias aponta que “os músicos eram tão indispensáveis nestes palácios quanto os pasteleiros, os cozinheiros e os criados, e normalmente tinham o mesmo *status* na hierarquia da corte. Eles eram o que se chamava, um tanto pejorativamente, de criados de libré”, ou seja, viver nessa condição era a realidade da existência nas relações entre a família e seus empregadores.

No entanto, como construir tal espaço para uma criança que viveu nas cortes sendo amada e reverenciada na infância e que posteriormente perde toda a importância e precisa retornar a sua insignificância social? Considerando a infância como período propício para a aprendizagem de valores e significados, tornam-se compreensíveis os dramas e angústias pessoais vividos por Mozart nesse espaço conflituoso, onde ele foi sempre um *outsider*.

Retornando à sua educação, está explícito o objetivo da família e principalmente do pai em torná-lo um artista reconhecido, ao mesmo tempo em que tenta se projetar através do talento do filho, como se dissesse: “Percebam o resultado da minha produção, ou da educação dada por mim”. Através do talento do menino, ele também teria uma parcela de reconhecimento e admiração. Assim, Elias (1995, p.72) aponta que

O pai de Mozart, também músico, ensinou-o a tocar piano provavelmente quando ele tinha três anos. Pode ser que, muito cedo, ele tenha despertado a tênue esperança de alcançar a desejada ascensão social, que apenas em parte tinha conseguido por seus esforços. Sem dúvida alguma, dedicou mais tempo ao menino do que o normal. Leopold Mozart tomou posse do filho e, como pai do prodígio, viveu a vida que lhe tinha sido negada até então... Por 20 anos, até a viagem a Paris com a mãe, Mozart viveu – e viajou – quase sempre com o pai. Estava sempre com ele, sempre sob sua proteção. Há, portanto, boas razões para dizer que Leopold Mozart tentou realizar-se na vida através do filho.

A criança que foi Mozart teve uma infância voltada para uma formação que atendesse os desejos do pai músico, e tudo foi feito no sentido de propiciar situações pedagógicas rígidas, mas também envolvidas em prazer, já que não se pode negar que o menino tinha interesse pelo que estava sendo ensinado.

No entanto, ainda que, ao pensar, estejamos muito imbuídos da nossa visão moderna de infância e das necessidades que, hoje sabemos, tem uma criança,

caímos na tentação de “condenar” Leopold Mozart por seus excessos na educação do filho, mesmo que este fosse talentoso e correspondesse ao objetivo traçado pelo pai. Se considerarmos uma educação formal que se iniciou aos três anos de idade com rigidez e disciplina e acrescentarmos as posteriores apresentações e turnês que exauriam as crianças – numa dessas viagens o menino, que já era frágil, caiu doente com escarlatina e teve que interromper os concertos por um determinado tempo –, é provável que nos pareça exagerada a maneira como a família conduzia tal educação, até mesmo para o período, qual seja, no século XVIII. Mas de que maneira o gênio de Mozart respondia a esses estímulos-desafios?

Alguns documentos falam da rigidez do programa de formação imposto pelo pai. Se, por um lado, Mozart foi submetido a um “regime estimulante”, por outro esse regime era “extremamente severo”. Elias vai além, dizendo que, se “uma aprendizagem assim especializada o tenha capacitado a realizar feitos extraordinários em seu campo específico, talvez seja menos surpreendente do que o fato de ela não ter provocado maiores danos a seu desenvolvimento geral como ser humano” (ELIAS, 1995., p. 85).

A análise de Elias abarca diversos aspectos da genialidade e da personalidade de Mozart, mas aponta também para a infância compreendida como um período em que as experiências vividas se mostram fundamentais para a sua formação. Na meninice, mesmo nos momentos considerados lúdicos ou de tempo livre, o jovem era literalmente exposto à música, como os registros informam: “Até mesmo nas brincadeiras de criança tinham de ser acompanhadas por música, para terem algum interesse para ele. Quando levávamos os brinquedos de um quarto para outro, aquele de nós que não carregava nada tinha de cantar uma marcha ou tocar flauta” (ELIAS, 1995 p. 70). Tal estimulação precoce faz parte da formação do menino músico, indo ao encontro dos interesses do pai, que de algum modo se realizava nessas atividades.

Mesmo que a análise esteja a tomar a infância de Mozart como referência, é possível perceber, com relação à atualidade, um certo afã da educação formal e não-formal em criar inúmeras situações de estímulos às crianças, com perspectivas futuras, com os pais a colocá-las em cursos formais de toda a ordem – dança, língua estrangeira, esportes, teatro, artes em geral –, procurando preencher, de variadas maneiras, o seu tempo e, com isso, visando prepará-las para a vida adulta. Obviamente esta é uma tendência atual, que se percebe na classe média e alta e, mesmo que não queiramos generalizar a todas as crianças, não há como subestimar o fenômeno.

No entanto, com relação ao período da infância entendida como tempo específico da vida, com características próprias, vemos que o direito de viver a infância como tal tem sido cotidianamente sonogado às crianças, principalmente nas situações em que crianças de classes mais abastadas cumprem “agendas lotadas”, com objetivos que dizem respeito à formação futura, enquanto que as crianças pobres trabalham e ajudam a família na busca do seu sustento.

Tais discrepâncias expõem um problema atual que, se visto à luz da infância de Mozart, pode nos dar pistas para compreender o modo como os adultos definem e conduzem a vida das crianças, responsabilizando-se por toda a formação e, por vezes, sem considerar a opinião da mesma como sujeito do processo. Porém, o resultado da educação das crianças é uma cobrança social que se volta para a família – justamente o grupo que tem como dever e responsabilidade tal tarefa, mas que sofre as críticas no processo e no resultado. Elias (1994, p. 182) aponta que,

os problemas psicológicos de indivíduos que crescem não podem ser compreendidos se forem considerados como se desenvolvendo uniformemente em todas as épocas históricas. Os problemas relativos à consciência e impulsos instintivos da criança variam com a natureza das relações entre elas e os adultos. Essas relações têm em todas as sociedades uma forma específica correspondente às peculiaridades de sua estrutura.

Nesse sentido, olhando para a infância de Mozart, podemos perceber que ele foi criado numa organização social com peculiaridades que só serviam para aquele momento histórico. Isso, porém, nos ajuda a pensar as relações estabelecidas entre adultos e crianças na atualidade, na medida em que a família oferece o primeiro espaço de socialização e cuidado da criança, bem como os primeiros espaços de relacionamento com os outros, antes de ir para a instituição formal (no caso desta reflexão, a Educação Infantil constitui o lugar das crianças de 0 a 5 anos).

Entretanto, podemos aferir que, se pudéssemos entrevistar Leopold Mozart, ainda que carregasse algumas culpas inconfessáveis em relação à educação dada ao filho, certamente teria aprovado a sua tarefa e as suas ações em relação ao resultado do seu projeto. Digo isto, mediante a experiência de ter entrevistado diversas pessoas, durante o processo de pesquisa, desenvolvendo a temática relacionada à infância. Foi muito interessante ouvir as vozes de pais e mães com relação à educação dada e percebida na vida de seus filhos e posteriormente na infância de netos e bisnetos.

Refletindo a partir do material empírico, os entrevistados nos ajudam a compor um painel. As pessoas estavam na faixa dos 60 aos 80 anos, de modo que viveram

a infância no início do século XX, num grupo de homens e mulheres que foram entrevistados durante o processo de qualificação. Os entrevistados, ao se reportarem à sua própria infância e às experiências vividas no período, são unânimes em apontar as dificuldades e as divergências presentes nos relacionamentos com os adultos, que na maioria de suas percepções eram opressores e cerceavam a liberdade das crianças.

No entanto, depois que passarem pela infância, e agora na vida adulta, falam a partir do lugar de pais e mães, que precisam responder sobre a educação de seus próprios filhos e têm a tendência de apontar ou enfatizar somente os pontos positivos da relação, já que estão falando de si mesmos e do resultado de sua educação com os filhos. Posteriormente, no momento em que falam da infância de netos, que não estão sob sua responsabilidade direta, voltam a expor os elementos negativos presentes na educação das crianças, considerando que os netos e os bisnetos são a referência infantil que estes indivíduos têm atualmente.

Nesse sentido, tomando como exemplo Leopold Mozart, apontado por Elias como um pai preocupado com o futuro e a formação do filho – sem analisar as críticas aos resultados de tal formação, obviamente –, pode-se dizer que o pai provavelmente pensou a vida e a carreira do filho como algo que poderia ter sido seu ou como algo que estivesse indiretamente representando toda a realização que ele mesmo não teve como indivíduo, músico e profissional.

Elias assinala que até a infância o pai conseguiu manter a ascendência sobre o filho, porém foi perdendo o controle com o passar dos anos:

Até certo ponto, a necessidade do pai combinava com a necessidade do filho, pelo menos enquanto este era pequeno. Sua esperança de chegar, através do filho ao que ele próprio não conseguira por si próprio, encontrou resposta na grande necessidade de amor sentida pela criança, a quem os estímulos musicais do pai claramente davam prazer (ELIAS, 1995, p. 76).

Este processo de projeção pode ser inconsciente e, geralmente, o pai alegam estar desejosos de que os filhos tenham as melhores oportunidades, aquelas que eles possivelmente não tiveram. É possível perceber que a infância dos filhos se torna um projeto ou uma segunda oportunidade para os pais se verem bem-sucedidos, mesmo que por delegação ou com base no sentimento de serem, de algum modo, co-responsáveis pelo sucesso.

No caso de pais que fracassam em seus objetivos, é muito comum o desejo de oferecer aos filhos aquelas oportunidades que lhes foram negadas, tomando-as como algo que pode ser recuperado ainda que tardiamente. Assim, os pais se

realizam em ver a realização de seus herdeiros, e é como se estivéssemos a ser reconhecidos por algo que também produzimos, já que, afinal, não se pode negar que, em nossa cultura, a paternidade ou a maternidade trazem consigo um sentimento de posse com relação ao filho.

Nesse sentido, se “meu filho” alcançou determinados objetivos, foi contando com a contribuição ou a intervenção dos pais ou da família. Obviamente, isso não se configura como regra para todos os indivíduos, mesmo que os avanços e as buscas pretendidas e alcançadas só sejam possíveis a partir do momento que o indivíduo ultrapassa determinados estágios, entre os quais está à infância, ultrapassagem que certamente resulta da ação e do cuidado dos adultos, sejam os pais biológicos ou não.

Portanto, a sociedade adulta, que cria ou dá condições a alguém de crescer e se estabelecer de alguma forma, sempre creditará a si o resultado de seu sucesso. Por outro lado, nem sempre o contrário é reconhecido, pois que raramente se vê a mesma sociedade se responsabilizar ou assumir a culpa pelos fracassos e pelas derrotas enfrentadas por uma parcela de seus membros, em decorrência de problemas advindos da má-formação e da má-educação de seus integrantes, mas isto já é outra história.

Retornemos aos relatos dos entrevistados. Como já me mencionei, estão repletos de descrições de situações nas quais, na condição de filhos – e agora adultos a falar de sua infância –, eles tentam apresentar a perspectiva do que os pais desejavam com relação a estudos, trabalho e outras atividades. Conforme nos contam:

D. Jair (90anos):

Papai queria muito que a gente estudasse nos “nossos colégios”³ tanto que minha irmã foi interna no colégio IMERP (Instituto Metodista de Ribeirão Preto) depois para o Piracicabano. Em Belo Horizonte fomos para o Izabella Hendrix. Então... Eu estudei no Bennett, no Rio de Janeiro. Fiz magistério no Bennett.

Sr. Obede (80 anos):

Eu diria que minha infância foi privada, eu fui privado de tudo! Meu pai não deixou eu ser mecânico, meu pai não deixou eu ser leiteiro, meu pai não deixou nada, era aquilo que ele queria. Tinha que fazer o serviço que ele fazia.

³ Quando D. Jair se refere aos “nossos colégios” ela está se remetendo as escolas confessionais metodistas. Ela é de tradição protestante, filha de pastor metodista que tinha a itinerância como característica do seu trabalho e a confessionalidade como aspecto da educação formal e informal.

D. Terezinha (60 anos):

Meu pai tinha o objetivo de estudar nós. Não importasse como... Porque o objetivo de meu pai era que a gente não carpisse café, não fosse roceiro, ele queria que nós estudássemos. Aí ele colocou nós na escola na cidade, eu e meu irmão. A gente levantava todo dia às seis horas da manhã, tomava café, andava três km a pé, pegava um ônibus, andava doze km de ônibus e ia para o grupo! Fizemos o grupo na cidade, com oito anos porque o objetivo de meu pai era que a gente não carpisse café, não fosse roceiro, ele queria que nós estudássemos!

A descrição de tais experiências, vividas com a família, revela o modo como pais e filhos se relacionavam e o modo como os filhos agora se lembram dos projetos traçados pelos pais. Não vem ao caso inquirir se os projetos dos adultos eram bons ou não, mas sim lançar uma vista de olhos às possíveis expectativas destes acerca das crianças. Torna-se, pois, interessante perceber que todos eles – os relatos – dizem respeito à educação formal e à profissionalização, que se constituem como perspectivas importantes de futuro para a pessoa e pontos em que os pais geralmente se sentem responsáveis e compelidos a intervir.

Quando Elias discute essa expectativa na vida de Leopold Mozart, o pai, mostra que este último dedicou ao filho mais tempo que o normal, em função do desejo de preparar o filho para viver a vida que lhe foi negada, dando a entender que Mozart pai “tentou realizar-se através do filho”. Já com relação às entrevistas, é possível perceber um aspecto semelhante, não destituído de ressentimento, como no caso do Sr. Obede, que lembra com tristeza do que foi imposto pelo pai.

Não temos espaço para analisar os desfechos das histórias, mas, quando estes indivíduos falam de seus próprios filhos, as lembranças se diversificam e vemos os adultos enfatizarem os resultados de uma educação que se descreve como bem-sucedida, resultando, segundo seus padrões, num indivíduo “honesto, trabalhador, de bom caráter, etc.”. É interessante perceber também que neste segundo momento estão falando da infância de seus filhos, que cresceram, se tornaram adultos e já oferecem respostas sociais às expectativas paternas. Confirmam-se os relatos acerca dos filhos e o que eles indicam:

Sr. Obede (80 anos):

Minhas crianças foram criadas em regime, não em regime igual eu... Eu não criei igual não! (...) Eu não vou querer que vocês sejam igual eu. (...) Minhas crianças tinham liberdade! Eu ensinei meus filhos isso... Responsabilidade! Onde tem o que fazer e o que for fazer têm que ter responsabilidade! Nunca ser malandro... Felizmente até hoje...

Sr. Hélio (70 anos):

A gente morava na cidade, a gente ia na missa, em festinhas que tinha ali e levava as crianças e eles se comportavam bem! As minhas crianças sempre foram bastante moderadas, comportadas, calmas..

D. Terezinha (60 anos):

Nossos filhos eram bons, muito bons, eram bem orientados, não eram crianças de dar trabalho foram ótimos! Eu tenho saudades dos meus filhos pequenos, da infância deles, não da minha! Agora... Eu fui sempre uma mãe muito mais rígida do que o pai com todos eles!

D. Maria Helena (60 anos):

A gente ensinou, mas como se diz, já foram criados na cidade, eles não querem saber daquilo que a gente ensina! A minha infância foi muito rigorosa e já a infância dos meus filhos foi diferente. Já foi assim comunicando um com outro. Já tem liberdade de sair... Tiveram um pouquinho mais de liberdade. Eles foram crescendo e acham assim... Como se diz... Acham que podem fazer o que eles querem!

O ponto de vista sobre o que seja a infância na atualidade está de certa forma explícito nas falas dos entrevistados. É curioso destacar, especialmente, os momentos em que falam dos filhos e os apresentam como exemplos de experiências bem-sucedidas. Porém nas entrelinhas é possível perceber os sinais de tensão, conflitos e dificuldades enfrentadas na relação adulto-criança, principalmente como resultado da referida educação familiar. Os filhos, pelo que os relatos indicam, gozaram de liberdade, tiveram oportunidades de escolha, puderam transitar nos espaços de relacionamento social e cresceram aprendendo os valores ensinados pelos pais, salvo pelas eventuais influências de outros grupos na educação, apontadas por D. Maria Helena de maneira muito tímida.

Esse aspecto de valorização da sua própria educação na vida dos filhos é perceptível em uma das entrevistas, pois eu havia conversado com uma pessoa da família do informante e conhecia alguns detalhes da sua história de vida. Entre esses detalhes, sabia que essa pessoa teve um filho com sérios problemas de dependência química decorrente do uso de entorpecentes, o qual passou por recorrentes internações e trouxe transtornos para a família. Na atualidade, o filho estava recuperado, casado, com vida profissional estabelecida.

Entretanto, no período das entrevistas, ela falou da sua felicidade em ter os filhos todos com a vida estruturada, reafirmando diversas vezes esse aspecto: *"então... meus filhos, nenhum deu pau d'água, nenhum fumou droga, nenhuma foi uma*

menina espantada...", mesmo com a possibilidade de que a incoerência entre a descrição e a realidade, no que diz respeito a esse detalhe de sua história de vida, pudesse ser do meu conhecimento.

Assim, ela recordou a infância dos filhos como tendo sido um momento de extrema tranquilidade e "saltou" por cima do problema que tivera na época da adolescência e da juventude do filho, atribuindo toda a bem-sucedida vida na atualidade à educação dada pelos pais. Ela nega o problema vivido, e tal negação pode provir da dificuldade de aceitar para si mesma que seu projeto com relação à formação do filho pode ter tido, na sua concepção, algum tipo de falha, já que, segundo o seu discurso, o envolvimento com drogas estaria entre os itens proscritos pelo processo.

No caso do Sr. Obede, vemo-lo enfatizar que a infância de filhos foi muito diferente da sua e que os filhos "*até hoje...*" são indivíduos responsáveis, trabalhadores e dignos de outros adjetivos que ele considera como índices importantes da boa educação, a qual estaria associada aos esforços dele no seio da família. Estes e tantos outros exemplos nos dão a ver que os pais desejam, criam expectativas e tentam "modelar" os filhos de acordo com os valores que lhe são caros, como se percebe na formação de Mozart, com uma família "exageradamente" presente que pensou em todos os aspectos da sua formação.

Obviamente, quanto à sua educação, não temos condições de comparar com as histórias dos entrevistados, mas se olharmos a figura do pai – ou dos pais, de modo geral –, podemos dizer que estes desejam ou esperam da criança que ela seja "a sua imagem e semelhança", ou então que ela represente um modelo melhorado, aprimorado, e que consiga alcançar o que os adultos que a estão formando não conseguiram – ou seja, no caso das pessoas entrevistadas, os pais que as formaram.

Essa situação pode nos levar a refletir sobre a angústia de Leopold Mozart diante do fracasso da educação que pretendia dar, quando começa a perder o controle sobre a vida do filho, que quer alçar outros vãos buscando autonomia e independência com relação à educação dada pela família. Nesse momento, o pai lhe escreve uma carta desesperada, pedindo que ele reconsidere e se justificando pelo excessivo controle com a sua vida.

Segundo Elias, na carta Leopold reconhece que "ambos os planos foram pensados para dar assistência a seus pais e ajudar sua querida irmã, mas acima de tudo para construir seu nome e reputação no mundo", ou seja, o pai também estava pensando no que ele considerava melhor para o filho.

Coisa semelhante acontece quando dona Terezinha diz que o pai tinha como

objetivo a educação formal dos filhos, pois era algo que ele não possuía e que, por não possuir, o obrigou a ter de trabalhar na agricultura para sobreviver. Assim, encetou todos os esforços para colocar os filhos numa escola, mesmo sem ter condições financeiras para isso, vendo-se a menina ainda pequena obrigada a trabalhar para pagar os estudos num colégio de freiras onde foi bolsista. Ao contar suas memórias, ela lembra as situações humilhantes que teve de passar em nome do projeto educacional da família, como, por exemplo quando, diz: "(...) enquanto no recreio as meninas iam brincar, eu ia varrer as classes de aula, eu e uma outra funcionária da escola. A gente varria as classes enquanto olhava as outras estavam brincando!"

Tal imagem parece não trazer ressentimentos à vida de dona Terezinha, pois ela aceitou a situação como a única alternativa familiar e compreendeu que foi importante para tornar-se a pessoa em que se transformou na vida adulta. Na atualidade, na época da entrevista ela já era professora aposentada, tendo conseguido se estabelecer na região em que morou e criar os seus filhos orientada pelas mesmas expectativas dos pais.

No caso de Leopold Mozart, ele esperava que o filho fosse reconhecido pelo seu talento e angariasse fama, sucesso e riquezas que ele – o pai – não conseguiu e também desejava que o filho fosse aceito numa sociedade onde a princípio era percebido somente como mais um serviçal na corte.

Longe de condenarmos tais iniciativas, acredito que a percepção que se tem da infância nos enreda nessas armadilhas, pois precisamos pensar e conceber as crianças, não somente tomando-as como nossa continuidade, mas vendo-as como pessoas diferentes de nós, que podem ter objetivos e expectativas individuais sobre o curso de sua própria vida. O problema é que, como adultos, acreditamos piamente que sabemos o que é melhor para elas e usamos dessa prerrogativa para impor nossa vontade, o que muitas vezes fazemos de modo sutil, quando não de modo autoritário.

No entanto as crianças, precisariam ser compreendidas na sua especificidade, nas suas necessidades, e precisam ser vistas como pessoas que têm direito de se constituir como tais e de fazer suas próprias escolhas – ainda que nós adultos estejamos acompanhando, estimulando e possibilitando situações para que tais escolhas sejam feitas. Contudo, há que pensar nessas pessoas como integrantes de uma história, produtoras de cultura e que precisam ser respeitadas em seus direitos.

Não obstante, a dificuldade do adulto se dimensiona a cada geração, pela necessidade de compreender as tensões e os conflitos presentes nos relacionamentos com as crianças, especialmente em se tratando da infância atual e, no caso dos entrevistados, da infância de netos e bisnetos. Algumas contribuições dos informantes podem ser percebidas nos relatos:

D. Terezinha (60 anos):

Agora... Eu criança, eu mãe e as minhas netas, as coisas no meu tempo... A evolução era muito menor! O mundo "desbundou" faz uns 15 anos! Então, eu não sei se minha filha está certa ou se era eu que estava certa. As filhas dela não fazem nada... Fazem tudo o que querem, quando querem, como querem e eu não agüento! Meus filhos não faziam isso! Porque criança, é criança, mas tem que saber a hora de dormir, a hora de almoçar, hora de tomar banho, e a hora de estudar e os pais tem que estabelecer esses limites, eles tem que saber que existem limites!

Sr. Obede (80 anos):

Eu vou dizer agora não há mais educação, desculpe de falar! Acabou a educação, ficou uma coisa que ninguém entende! Havia respeito, respeito na família, respeito em todo lugar! Tudo está diferente, tudo, a começar nas escolas! Você vê essa liberdade de criança, não pode! A criança ela tem que ter uma liberdade li-mi-tada! A criança não pode fazer o que ele quer. Ele pode fazer o que é certo. O errado ele não pode fazer, custe lá! Agora para as crianças quem determina o que é certo e errado tem que ser os pais, e depois que entram na escola as professoras!

Nesse contexto, é interessante perceber que, ao falar da infância atual e de netos e bisnetos, os informantes se eximem da responsabilidade, se colocam numa posição de crítica frontal e destacam sua recusa em aceitar conceitos que são próprios deste momento histórico na educação das crianças. Entre estes estão a liberdade e o direito de escolha, que é criticado como falta de limites e legitimado pelo comportamento das crianças frente aos conflitos percebidos. Ou seja, eles foram responsáveis pelos filhos, geração sobre a qual tiveram que "prestar contas" à sociedade. Já os netos são responsabilidade dos filhos, e os avós, indiretamente, não se sentem pressionados socialmente por causa deles, o que é muito explícito numa fala de dona Terezinha:

Hoje meus netos não obedecem! Eles fazem tudo o que querem, tudo o que querem, é assim? Tem hora que eu acho que mereciam, às vezes uns tabefes, mas a mãe não dá nem o pai, eles que se danem e deles! Mas agora eu não sei será que eles estão certos ou eu é que estava certa?

Concluindo, certamente a contribuição da família de Mozart à sua educação foi algo relevante, que permitiu que o mundo conhecesse a obra de um grande artista; mas a duras penas ela foi forjada, pois tal educação tirou da criança a oportunidade de também viver o período de descobertas e de experiências que caracteriza a infância. A ausência de tais experiências, de um modo geral, pode ter contribuído para forjar aspectos da sua personalidade, refletindo-se em seus desequilíbrios e nos dramas que foram analisados por Elias nessa obra.

Provavelmente não estamos muito longe das atitudes do pai que busca na infância do filho a realização de seus projetos e a compensação de suas frustrações. Ainda hoje, com todo um aparato legal que tenta proteger a criança de seus “algozes” – sejam estes representados pelos pais, instituições formais ou por outros –, a exemplo de Mozart, vemos a exploração da infância e das crianças na mídia e em outros setores da cultura. Trata-se apenas de servir um mercado que explora uma gama imensa de indivíduos jovens, propiciando a sobrevivência e o sustento de famílias inteiras com o trabalho precoce de quem ainda nem descobriu se realmente vai querer ser “artista” quando crescer.

Referências

- ARIÈS, Phillipe. Trad.Dora Flaksman. *História social da criança e da família*. 2ª. ed.. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos Editora. 1981.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 9ª ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CORAZZA, Sandra Maria. *História da Infância Sem Fim*. Ijuí/RS: Ed.UNIJUÍ, 2000.
- D'HAUCOURT, Geneviève. *A vida na Idade Média*. Trad. Marisa Déa. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Uma História dos Costumes. Trad. Ruy Jungmann. 2a. ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- MONCORVO FILHO. *Histórico da Proteção à Infância no Brasil (1500-1922)*. 2ª. ed.. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora Paulo Pongetti & Cia.1926.
- FREITAS, Marcos César de (org). *História social da infância no Brasil*. São Paulo, Cortez, 1997.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Infância e pensamento*. In: GHIRALDELLI, P. J.r. (org). *Infância escola e modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, pp.82-100. 1997
- GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: ARIÈS, Phillipe, CHARTIER, Roger. (orgs.). *História da vida privada*. São Paulo : Companhia das Letras, 1991, v.3, p.311-29.
- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KISHIMOTO, Tizuko. *A pré-escola em São Paulo*. São Paulo, Loyola, 1988.
- KRAMER, Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- KUHLMANN Jr., Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais*. Bragança Paulista : EDUSF, 2001.
- LAROSSA, Jorge Tad: Alfredo Veiga-Neto. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*.3ª ed Belo Horizonte: AUT-entica, 2000.
- MARCÍLIO, Maria Luisa. *História Social da Criança Abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MONARCHA, Carlos. (org.). *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

OLIVEIRA, Magda Sarat. *Lembranças de infância: que história é esta?* Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, Piracicaba/SP, 1999. Dissertação de Mestrado.

POSTMAN Neil. *O desaparecimento da infância*. Trad. Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafhia, 1999.

PRIORE, M.ary Del. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto 1999.

RICHÉ, Paul., ALEXANDRE-BIDON, Danielle. *L'Enfance au Moyen Age*. Paris: Seuil/Bibliothèque Nationale de France, 1994.

SARAT, Magda Oliveira. *Histórias de Estrangeiros: infância, memória e educação* Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, Piracicaba/SP, 2004. Tese de Doutorado.

Recebido em Maio de 2008

Aprovado em Junho de 2008